



ANÁLISE DA ESCOLA BURGUESA ATRAVÉS DO PENSAMENTO DE NIETZSCHE

ALEXANDRE GOMIDE XAVIER¹

Resumo

O presente artigo aborda a visão do filósofo alemão Nietzsche sobre a escola burguesa que, em suas palavras, é sinônimo de decadência. A escola burguesa, o modelo de educação que é dado na civilização ocidental, possui características de domesticação. A escola é voltada inteiramente a produção de pessoas para o mercado de trabalho e, por isso, não é um modelo de educação capaz de elevar o ser humano em toda sua potência, a nossa educação é, para ele, fundamentada sobre a moral dos fracos fazendo de nós tipos fracos de homens.

Palavras-chave: Educação. Escola. Decadência. Nietzsche. Moral.

Abstract

This paper analyses Nietzsche's view about the school model we live, the bourgeois school. In his words a kind of school grounded in a weak morality that want to make people to the Market. This is a education that do not build a type of Strong man, but peaceful ones, like domesticated animals. A school that is useful to the market and not to the human power.

Keywords: Education. School. Nietzsche. Morality.

INTRODUÇÃO

Ao leitor é preciso esclarecer o intuito desta produção acadêmica. Torna-se, então, necessário trazer à superfície os surgimentos de tal indagação. Partindo do senso comum, temos a premissa de que a Educação é um Bem, um direito, e que todos nós deveríamos receber educação. Comumente também ouvimos discursos sobre estudar para ser “alguém na vida”, por mais que a definição de “ser alguém” seja vaga ou esteja enviesada por questões mercadológicas, por exemplo, a conquista do mercado de trabalho. É aqui que

¹ Universidade Católica de Brasília (UCB)
E-mail: alexandre_gomide@yahoo.com

estabeleceremos o ponto principal de nossa argumentação, pois a Filosofia é um campo do saber que tenciona sobrepujar o senso comum. Logo, se numa produção científica evocamos o senso comum, não é senão para pô-lo em contraste com uma proposição mais profunda. Nosso professor nesta empreitada será o Pensamento de Nietzsche. Refletindo sobre o pensamento e as obras do autor, nota-se que ele é um filósofo que confrontou nossos dogmas sejam eles filosóficos morais ou científicos. Sua busca é por uma filosofia que não se petrifique diante de uma moral de rebanho ou em categorias metafísicas. Optamos por adotá-lo, então, não como modelo, mas como professor de um modo de análise. Seria necessário questionar nosso modelo educacional? Qual a consequência de nossa educação?

Analisemos a premissa “As escolas burguesas estão acostumadas a produzir *tipos mercadológicos*” (SOUSA: 2014,73). Tipos mercadológicos são seres humanos voltados para o mercado de trabalho. Nada de novo. Mas o que se esconde por trás disso? Qual o motivo de nossa educação ser assim? Sob a asserção de Nietzsche “*Há moral dos senhores e moral dos escravos*” (NIETZSCHE, 2009:211), o objetivo desta empreitada intelectual é tentar saber que tipo de moral a escola burguesa sustenta.

DESENVOLVIMENTO

1.1. CONCEITUANDO

Entenderemos nossa educação como um processo em que cada geração transmite herança cultural dos antepassados aos mais novos, estabelecendo projetos para o futuro. Porém, antes de qualquer afirmação descabida, vamos estabelecer uma premissa. Se a educação é um processo cultural, assimilada e transmitida, qual o valor de nossa cultura? Onde podemos encontrar o fundamento de nossa cultura, daquilo que ela transmite?

Para propor uma resposta devemos recorrer ao método genealógico, pois “O procedimento genealógico nos leva, portanto, a emitir o seguinte: que tipo humano avaliou o que hoje denominamos de ‘bem’?” (SOUSA: 2009,15). Nietzsche (1888), em *Crepúsculo dos ídolos*, diz que Sócrates foi o primeiro a começar a valorar nossa vida e a adquirir papel professoral pregando tábuas (linguagem figurada não adequada ao gênero textual) para a vida, como se fosse um porta-voz, arauto, da moral. Como aquele que sabe o que é o Bem, empreitada que mais tarde foi desenvolvida por seu aluno Platão. Sócrates trouxe à tona a



noção de *verdade* absoluta. De acordo com Sousa (2009), Sócrates uniu a verdade *a priori* com a moral e fez dela modelo para o homem virtuoso, trouxe o Antropocentrismo para a Filosofia, colocou-se como o próprio modelo de homem. Pode-se então levar este raciocínio mais adiante, o problema da Filosofia neste ponto é o estabelecimento de uma verdade fixa. O modelo de homem virtuoso. E o leitor, claro, deve estar se perguntando “Não seria a Filosofia a busca pela verdade?” Isto é um sintoma daquilo que nos foi passado, instituído, logo, também devemos nos perguntar “não seria papel da Filosofia questionar aquilo que acreditamos ser verdade?” Como diz Moura (2014, p23), as próprias teses de Nietzsche não são escritas de forma sistemática, pois elas colocam em cheque a própria questão da verdade. Até agora pode parecer bem confuso onde queremos chegar com toda essa especulação, mas garantimos que o objetivo central será alcançado. Mantenha-se alerta. É neste ponto que o filósofo alemão enxerga o princípio da decadência da Cultura Ocidental.

Esse pensamento desrespeitoso. De que os grandes sábios são tipos de decadência, ocorreu-me primeiramente num caso em que o preconceito dos doutos e indoutos se opôs a ele do modo mais intenso: eu percebi Sócrates e Platão como sintomas de declínio. (NIETZSCHE,2006,17)

Os tipos de decadência são além do estabelecimento de um modelo, o estabelecimento de uma moral, de um senso de Bem absoluto, bem-comum, que serve para todos, o começo da domesticação de nossos instintos. Ele via em Sócrates um ressentimento, um sentimento de plebe, que inverteu uma ordem. Trouxe, por isso, uma ordem antinatural, como evidencia o capítulo de seu livro, *Crepúsculos dos ídolos*. Diz Moraes (2014.p 240), no *Crepúsculo dos ídolos*, Nietzsche afirma que a moral, com socratismo, foi entendida como negação de vontade de viver. Neste ponto, Sócrates começa o que se denomina domesticação, elevar o valor da vida além dela mesma. Estabelecendo valores fixos que negam o devir da realidade. Neste ponto colhe-se a primeira base de sua filosofia, a negação da vontade de viver, a domesticação, a negação deste mundo em troca de um mundo “verdadeiro”, alcançado somente pela razão. “É aqui que nasce o ‘dogmatismo’, a ridícula pretensão de se tomar uma só perspectiva válida para todos” (MORAES, 2014, p.242).

Sócrates e o platonismo impregnaram em nós a vontade de verdade, reforçada pela religião cristã mais tardiamente, tese proposta no ensaio *O anticristo*. Isso resultou em um problema, o discurso sobre a vida tornou-se dualístico, o que não é verdade, é mentira, e, por



isso, deve ser eliminado. Só há um discurso possível: o da verdade. Mas, o que é a verdade e a mentira? Para o filósofo alemão são apenas interpretações, pontos de vista. Entendidas como puro relativismo. A universalidade não existe. Até a verdade científica é produtora de interpretações. (SOUSA,2009, p.48).

O que é, pois, a verdade? Um exercício móvel de metáforas, metonímias, antropomorfismos, numa palavra, uma soma de relações humanas que foram recalçadas poética e retoricamente, transportadas e adornadas, e que, após uma longa utilização, parecem a um povo consolidadas, canônicas e obrigatórias: As verdades são ilusões das quais se esqueceu que elas assim o são. (NIETZSCHE, 2008, p.36)

Depreendemos disso que a Verdade é um aglomerado de conceitos/ perspectivas que se transformam em hábito pela repetição, os quais fazem parte de um impulso, chamado pelo filósofo de “moral de rebanho”. O ser humano tem como objetivo viver em sociedade, por tédio, portanto usa este artifício como um acordo de paz, com o intuito de ser aceito pela comunidade (NIETZSCHE, 2008, p.29). Tal acordo é o espírito da “moral de rebanho”, o princípio que, junto à filosofia socrática, dá origem ao espírito de decadência. A “Moral de decadência” estabelece uma verdade fixa e um modelo de virtude, inspirada em Sócrates, ela é carregada de ressentimento do homem fraco, rebanho que não tem força suficiente de autossuperação. Inverte-se a ordem natural e coloca o fraco como forte. No fundo, a verdade não existe, ela, assim como a vida, é, para Nietzsche, *vontade de potência*.

A vontade de potência torna-se uma das principais ideias da filosofia de Nietzsche. Ele considerava a vida vontade de potência, de modo que os espécimes da humanidade poderiam ser vistos como as mais belas encarnações da vontade de potência. (SEABRA,2004, p.33)

A “vontade de potência” é um conjunto, um princípio de forças da vida, forças que lutam entre si e buscam dominação e mais poder. Segundo Sousa (2009), as forças são unidades de ações que se relacionam entre si e formam centros de vontade de potência. Existem entre elas hierarquias, logo, forças que mandam e forças que obedecem. Há “centros” que podem ser destruídos, porém não suas forças. Em constante movimento, forças se destroem, dominam, subjagam ou passam a ser dominadas, e vice-versa. Assim, quando temos forças ativas, com vontades de potência afirmativas, queremos mais força, mais domínio.



Agora podemos dizer que o problema é que a decadência proposta por Sócrates foi a grande precursora de nossa cultura. Ela é vontade reativa, vontade de incluir uma verdade, uma verdade única que não permite o jogo de forças. Daí o grande mal de nossa cultura, e por isso devemos recorrer à vontade de potência como ponto importante para nosso projeto. Visto que

Vontade de potência, concebida inicialmente como atuante em fenômenos biológicos, será estendida por Nietzsche à análise dos fenômenos sociais, onde se encerra a educação, e dos fenômenos políticos. Sempre estão presentes neles as forças em embate que compõem a realidade, cada uma tentando vencer a resistência da outra, na relação que se estabelece, e reciprocamente procurando submeter a outra a si. (SEABRA, 2004, p.34)

Temos, portanto, a vontade de potência como uma explicação para os fenômenos sociais, já que tudo na vida é vontade de potência, são forças em embate buscando sua efetivação, logo os fenômenos sociais são vontade de potência. Nosso processo educacional é, também, vontade de potência; entretanto, como poderíamos alcançar a educação sem antes percorrer todo o histórico de formação de nossa civilização? Nietzsche (1888), em *Genealogia da moral*, argumenta que o sentido de nossa cultura é justamente domesticar o predador, o ser humano, tornando-o um animal civilizado e pacato. Somos, nessa perspectiva, verdadeiros instrumentos da cultura. Cultura fundamentada na decadência. Numa moral de escravos. Para rompermos com ela, ao menos filosoficamente, devemos entender o conceito de vontade de potência e o devir da vida. Também é necessário entender o peso que carrega aquilo que chamamos de verdade, seja ela universal ou aquilo que vivemos cotidianamente. São muitos os instrumentos de nossa cultura que carregamos como verdade, aceitamos o papel de burro de carga cultural.

1.2. DIFERENCIANDO

Em *Além do bem e do mal*, Nietzsche afirma: “Há *moral dos senhores e moral dos escravos*” (NIETZSCHE, 2009, p.211). Mas qual seria a diferença entre estes tipos de moralidade? A moral do senhor nasce do sentimento de nobreza. Um sentimento de dominância no qual seus valores são estabelecidos não como diferença entre “Bem” e “Mal”, mas como “elevado” e “desprezível”. Para a moral do senhor, o importante é o acúmulo de



forças, é a quantidade de poder acumulado, é ser senhor sobre si mesmo, é aceitação do destino e domínio da vida. A Casta dos senhores não julga as coisas pela utilidade, nem se deixa maltratar, ela é *criadora de valores*. Esta é uma moral de glorificação de si mesmo. É uma moral egoísta. O nobre ajuda somente quando em favor de seu poder, não por conta da compaixão. O que a diferencia totalmente da moral dos escravos, por ser inteiramente utilitarista, como diz Moura (2014, p.118-122), a moral dos escravos, então, é totalmente utilitarista, pois nasce do ressentimento e inverte os centros de força, sua vontade não é de poder, mas reativa. Encharcada de ressentimento, desejo de vingança, como um solo pantanoso, a moral dos escravos inverte a ordem dos princípios de criação de valores e submete todo mundo a um conceito de igualdade, diminuindo aquilo que é chamado de Pathos de distância, o que separa o nobre do desprezível.

Enquanto a moral dos senhores é voltada para a criação e afirmação de si, em que seu oposto só é buscado como forma de autoafirmação; a moral dos escravos, os vulgares, aqueles que precisam de mediação, precisa negar aos senhores, além disso, sendo baixos como são, necessita de estímulos externos. Necessita lançar para além da vida uma utilidade, um conceito, suas ações não serão dotadas de força por si mesmo, ou mesmo valoradas em busca de poder, mas serão, desse modo, ações voltadas para o utilitarismo, altruísmo, ações racionalizadas e nada desmedidas. “Quando o escravo cria valores segundo a lógica do ressentimento, dirige um não ao senhor e afirma que ‘tu és mau, logo eu sou bom’, ele deseja que o senhor aja de outra maneira. Mas isso é absurdo” (MOURA, 2014, p.130). É um absurdo porque exigir que uma força não se expresse como força é matar os instintos; é pôr o outro acima de si mesmo, pensar na utilidade, no coletivismo, e na sua serventia para o coletivo; é ser pouco autêntico. Em outras palavras, é seguir o modelo socrático- platônico.

É essa questão que o “senhor” nietzschiano não se põe, e nem precisa se formular. Seu universo é homérico, heraclitiano, nunca platônico; seu muno é o palco de um jogo, não o campo de aplicação do princípio da razão. Ele não visa um equilíbrio de princípio entre os agentes, equilíbrio que seria rompido por excesso que estaria na obrigação de declinar suas razões. (MOURA, 2014, p.131-132)

Segundo Moura (2014) e segundo Nietzsche, a moral predominante em nossa civilização é a moral dos escravos. Nossa civilização tornou-se um berço de Platão, nossa



moral é de igualdade, de valores baixos. Que busca sua efetivação na utilidade e nos estímulos externos metafísicos e religiosos, por exemplo. Nossa moralidade busca sempre o equilíbrio. Nossa civilização não é um mural de vontade de potência. É dessa conclusão que partiremos em busca das respostas das indagações feitas no início deste artigo. Foi necessária esta volta conceitual, um passeio conturbado pelo pensamento para começamos a situar o raciocínio. Não é, de fato, uma tarefa fácil, porém é necessária.

1.3. SENTIDO DE NOSSA CIVILIZAÇÃO E EDUCAÇÃO

Se usarmos os “dados” coletados até agora temos então uma civilização pautada na moral vulgar, do modelo socrático-platônico. Podemos dizer que “o sentido de toda cultura é justamente domesticar o predador ‘homem’, para fazer dele um animal pacato e civilizado, um animal doméstico, deveríamos então considerar, sem a menor dúvida, como verdadeiros instrumentos de cultura todos esses instintos de reação e ressentimento” (NIETZSCHE, 2013, p. 61). Somos um instrumento de cultura, nossa educação deve ser vista como um instrumento de direcionamento de instrumentos, como foi citado no início deste trabalho; as escolas têm uma finalidade puramente mercadológica, ou seja, utilitária. Sousa (2009) argumenta que a educação não favorece em nós um tipo forte, um tipo senhor, pois visa os valores decadentes, utilitários. Sendo assim ela não torna nossa vida, nosso egoísmo, nossa afirmação e vontade de expandir forças em afirmação de vida. Ela é reativa, pois instrumentaliza o ser humano para uma finalidade do estado, uma utilidade mercadológica que servirá apenas ao coletivo e não a si mesmo. Podemos ver como, devido ao senso comum em nossas vidas, por pressão familiar e social, somos lançados à educação para “ser alguém na vida”, “crescer, arrumar um emprego e ter uma vida confortável”, em contrapartida, o filósofo nos diz “Um tipo superior de homem, permita-me dizer, não gosta de ‘profissão’, justamente por saber que tem ‘vocação’” (NIETZSCHE, 2006, p.59). Com efeito, o tipo forte, de uma moral de senhor, não se importa com o equilíbrio de uma vida confortável nos parâmetros sociais, ele quer expandir suas forças, dominar. Sua vocação é a manifestação de uma vontade de potência ativa. Como devem ser então os processos educacionais? “Devem ser tipos que trabalham com o que a há de mais profundo em seus movimentos corporais, sabendo ler seus instintos vitais” (SOUSA, 2009, p.78).



Escola não é fim, não é utilidade, deve ser ponte, uma passagem para o ensino e aprendizado das forças mais íntimas que existem dentro de cada tipo humano. Deve ensinar a ser duro consigo mesmo, criador de valores, tal como um senhor, não deve tornar ninguém escravo, ou seja, não o deve tornar rebanho nem instrumento mercadológico ou coletivo. Para o filósofo, a educação deve primar por uma filosofia experimentalista, sempre com base na vontade de potência. (SOUSA, 2009, p.78-80).

O processo educativo se coloca como missão propiciar a sobrevivência da espécie, cabendo-lhe formar o homem bom, de espírito gregário e domesticado. Nessa forma de educação, o ensino teria o caráter mais de treinamento e visaria, no menor espaço de tempo possível, preparar a maior quantidade de jovens para estar apta a conseguir um trabalho para sua sobrevivência, a serviço do Estado ou do mercado econômico. Outro, porém, é o papel da educação na ótica de Nietzsche; ela não encontra primazia na consecução do bem-estar imediato do indivíduo, ou da sociedade, mas se projeta para o futuro, na formação do homem superior. Seu objetivo é em todo contrário à domesticação do homem: almeja criá-lo livre e legislador de seus valores. (SEABRA,2004 p. 131)

Segundo Nietzsche (1887), em *Genealogia da moral*, o Estado tende à domesticação, pois é restrição à vontade de viver, ou seja, à vontade de potência. O Estado tende a considerar a vontade como igual, fazendo os centros de poder tenderem a um só caminho. Nesse processo, deduzimos que a educação serve para a massificação da nossa “vontade de poder”. Somos educados para ser mercadoria, somos educados sob uma moral de escravos, nossos valores são a decadência.

Deixamo-nos assim à mercê de uma consequência negativa de nossas forças, para tender ao utilitarismo moral. Há valores absolutos, como o bem-comum, o bem-estar social, etc. Se desejarmos a emancipação, para nos tornarmos autênticos, devemos buscar outra forma de nos educarmos, precisamos buscar nossos instintos vitais mais profundos, que foram domesticados, para expandi-los, para dizer sim à preparação para a vida, para a criação de nossos próprios valores.

CONCLUSÃO

Concluimos que Nietzsche estabeleceu como centro da vida as manifestações de força. Tais forças podem ser reativas, carregadas de ressentimento, ou vontades de potência ativas, nas quais a acumulação de mais poder é o primordial. Nossa civilização tende a uma



moral de rebanho, isso significa que ela é baseada em forças reativas, forças que se deslocam para fora da vida. Sendo assim, valores morais que irão condicionar nossa vida são exteriorizados. Daí a crítica a Sócrates e Platão que estabeleceram a busca pela moral a partir de uma universalização da verdade. A moral, o valor de nossa vida, passa a ser medida pela utilidade. Isso significa que os instintos de paz, que são reativos, estão se agitando, e, como uma planta de raiz grande, estão sendo podados até certo limite. Isso se impregnou em nossa civilização; uma civilização de tipos fracos. Por isso, somos educados pensando no coletivo e no mercado de trabalho, pois a educação burguesa, como diz a premissa que nos propomos a analisar, quer tipos de humanos fracos. Humanos que não são capazes de criar. Assim se mantém um rebanho; um rebanho sempre age na utilidade para o grupo e para manter o acordo de paz da civilização. Uma educação baseada na vontade de potência teria como meta o descobrimento de nossos instintos, uma força vital capaz de nos tornar fortes a ponto de nos dirigirmos para além desse acordo de paz que nos posiciona no dualismo “Bem e Mal”.

REFERÊNCIAS

MOURA, Carlos Alberto Ribeiro de. Nietzsche: Civilização e Cultura. 2ª. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014. 289 p.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. A gaia ciência: trad. Antônio Carlos Braga. São Paulo: Escala, 2013. 461 p.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. A genealogia da moral: trad. Antônio Carlos Braga. São Paulo: Escala, 2013. 271 p.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. Crepúsculo dos ídolos: trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. 154 p. NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. Além do bem e do mal: trad. Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2009. 256 p.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. O anticristo. 2º ed. trad. Antônio Carlos Braga. São Paulo: Escala, 2013. 139 p.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. Sobre Verdade e mentira: trad. Fernando de Moraes Barros. São Paulo: Hedra, 2008. 98 p



SEABRA, Antônio. Nietzsche filósofo da educação: vontade de potência e educação. 2004. 153 p. Dissertação (Mestrado em educação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista – Unesp, Marília, 2004. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/91284>>. Acesso em: 01 fev. 2018.

SOUSA, Mauro Araujo de. NIETZSCHE: Viver intensamente, tornar-se o que se é. 1ª. ed. São Paulo: Paulus, 2009. 126 p.

Recebido: 12/01/2019

Aceito: 06/07/2019